



Os índios do Xingu, nas fotos de Maureen Bisiliat.

Documentos de uma civilização que desaparece

Os documentos estão reunidos nas fotos de Maureen Bisiliat e no texto de Orlando Villas Boas, no livro "Xingu/Território Tribal".

Nos seus 37 anos de trabalho como sertanista, Orlando Villas-Boas chegou a uma conclusão, para ele definitiva: só afastado do contato com a civilização o índio é uma criatura realmente alegre, essencialmente feliz. Observou ainda que o índio, porque acredita que a tristeza atrai os espíritos malignos, procura materializar externamente esse estado interior por meio da dança, gritos, risos, correias, ou simplesmente usando adornos coloridos e pintando o corpo de cores vivas.



O trabalho de Maureen já foi editado em vários países. E o "Observer" lhe dedicou matéria de capa.

Quando chegou ao Parque Indígena do Xingu pela primeira vez, em 1973, levado pelos irmãos Villas-Boas, a fotógrafa Maureen Bisiliat defrontou-se exatamente com essa realidade. Inicialmente, sua idéia era documentar em filme preto e branco a vida das tribos mais representativas da reserva. Mas, diante do quadro que encontrou, para conseguir retratá-lo como o sentia, rezei os planos e o trabalho acabou sendo feito quase que totalmente com material a cores.

O livro "Xingu Território Tribal", a ser lançado amanhã, é o resultado de oito viagens de Maureen ao parque indígena, com duração média de 40 dias cada uma. As 130 fotografias selecionadas pela autora para compor a obra — impecavelmente editada — mostram um universo culturalmente rico, mítico e puro, de nações quase dizimadas mas ainda em pleno vigor de sua força criativa. E o texto inicial, produzido pelos Villas-Boas, procura dar ao leitor uma visão desse mundo mágico, explicando resumidamente seus elementos e as motivações de seus habitantes.

Os ameaçados

Podemos dividir o índio brasileiro, hoje, em dois tipos: o que já travou contato com a sociedade brasileira, massacrado, vendo escapar pelo vão dos dedos a terra que lutou para conquistar; e um outro tipo de índio, de contato recente com a civilização, que resiste e ainda está na força de sua cultura pura. O livro "Xingu" mostra esse último quadro, que continua existindo mas que corre o risco de desaparecer diz Orlando.

O sertanista pretende que o livro seja um "brado de alerta" à sociedade brasileira ("Não sou daqueles — afirma — que jogam sobre as costas do governo toda responsabilidade pela situação do índio, porque a culpa é de todos nós"). Mas sabe que, se nada detiver a destruição da população indígena — diminuída de 4,5 milhões para 180 mil desde o descobrimento do Brasil, o que corresponde ao desaparecimento de 90 nações e 35 línguas diferentes apenas neste século — ele servirá só como documento de uma civilização desaparecida.

Este é um trabalho parcial, para ser complementado por alguém. Agora cabe fazer um outro livro, mostrando a outra face da moeda: o que aconteceu com o índio submetido ao contato com a civilização. Daí a gente poderia fazer um confronto entre o índio que encontramos hoje em

Parelheiros, por exemplo, e aquele que vive no Xingu, longe do homem branco. Mas isso deve ser uma tarefa para alguém mais acostumado a lidar com o índio aculturado.

Maureen já recebeu muitas críticas por sua obra fotográfica sobre o índio. Ela foi acusada de "faturar" em cima do drama de uma raça em extinção. Para os seus críticos, a repercussão internacional de seus ensaios seria mais uma consequência do hábito do europeu em "cultivar o exótico" do que pelos seus méritos. E o que Maureen pensa disso?

— Há uma certa susceptibilidade sobre o fato de o livro ter sido feito na Europa e ter conseguido certa repercussão. Muita gente pensa que o europeu acha exótico o índio nu, mas não é nada disso. Tanto a consciência deles sobre o problema é outra que não se eximem da responsabilidade que têm pela situação atual do índio. O final de um comentário sobre meu livro feito pela revista "Observer" mostra isso: "Os índios amam a natureza e nós (frisa) a destruímos".

Afinal, escrever livros permite que alguém fique rico? Com a autoridade de quem tem obras editadas em vários países e idiomas, Orlando Villas-Boas responde que não. Segundo ele, os livros de documentação têm tiragens pequenas. Por isso, descontados os gastos com o material utilizado e os anos de trabalho consumidos ao autor, "eles nada têm de lucrativo, e muito menos são uma mina de ouro, como alguns pensam".

"Nada de censurável"

— O índio está hoje — prossegue o sertanista — na plenitude de seu drama histórico. Então, tudo o que se faz focalizando o índio puro é uma contribuição para a sociedade, os órgãos de proteção, a ciência e as autoridades, a quem cabe zelar pela sua sobrevivência. Tudo isso é mais um elo na defesa do índio e não tem nada de censurável, porque é resultado da vivência que tivemos, das experiências a que assistimos.

Para Villas-Boas, afirmar que as pessoas envolvidas no projeto do livro estão "explorando" o índio equivaleria a dizer que o historiador, quando escreve, estaria explorando os acontecimentos que registra ou analisa. E, tanto no primeiro como no segundo caso, ele acha o raciocínio equivocado.

Quase oito anos atrás, Orlando Villas-Boas conheceu o primeiro trabalho editado de Maureen Bisiliat, "A João Guimarães Rosa", sobre o sertanejo mineiro. Nesse momento, propôs à autora que fizesse um ensaio semelhante, em branco e preto, sobre o índio do Xingu. Mas a fotógrafa não se entusiasmou com a idéia porque achava ampla a documentação existente sobre o assunto.

Durante três anos o projeto ficou engavetado, mas Orlando sempre voltava a insistir na idéia. Depois, analisando, cheguei à conclusão de que na área artística propriamente dita os trabalhos sobre o Xingu não eram tantos. Então fui lá pela primeira vez, fui outra, completar do final oito viagens nesse tempo todo. Mas, cada vez que voltava de lá, ficava meio desesperada, achando que não tinha conseguido muita coisa — conta Maureen.

A duração dessas viagens foi condicionada pelo "lado civilizado" de Maureen: segundo ela, o ritmo de vida dos índios é extremamente lento para o homem-branco, a horacusta a passar e tudo vai ficando monótono. Com o tempo ela começava a sentir que estava perdendo o poder de concentração e as coisas pareciam repetir-se. Por isso, suas viagens não duravam mais do que 40 ou 50 dias.

A mudança pela alternativa do trabalho em cor foi quase que imediata, a partir da constatação de que esse material seria mais adequado. Para Maureen, isso facilitou muito as coisas, porque considera-se uma "viciada no colorido", consequência do longo tempo de atuação no fotojornalismo (revistas "4 Rodas" e a desaparecida "Realidade").

Maureen Bisiliat achou sua tarefa extremamente simplificada pela plasticidade própria do universo indígena: — Esse mundo é muito arquitetônico, muito bem disposto. A aldeia funciona como cena para uma coreografia de vida. Tudo é muito limpo, simétrico. Nas ações, nada é premeditado, embora tudo obedeça a uma certa ordem, aparentemente natural e proveniente de uma harmonia interna. Isso funciona como o anti-caos da mata.

Orlando Villas-Boas vai mais além, afirmando que "o índio é um esteta por formação" e que, para ele, a forma está intrinsecamente ligada à função. Por esse motivo, não distingue o artístico do utilitário, já que as duas coisas estão associadas. Isso, segundo o sertanista, pode ser constatado na cerâmica que produzem, sempre bonita e prática.

A maioria das fotos tiradas por Maureen foram feitas com os índios no trabalho ou durante os cerimoniais. Várias vezes ela teve de ficar minutos e minutos esperando que o "fotografado" colocasse mais uma pulseira, pintasse mais uma linha no seu corpo e assim por diante. Ela explica o porquê:

— Os índios são assim não por vaidade, mas porque querem parecer exatamente como são. Se não for assim a coisa não está completa, não é verdadeira. Por exemplo: quando eles fazem uma vasilha de cerâmica, não a conside-

ram pronta se o fundo externo não estiver ornamentado. Então, gastam várias horas nesse trabalho, mesmo sabendo que aqueles desenhos vão desaparecer quando a panela for ao fogo, por causa da fuligem.

A verdade, um compromisso.

Certa ocasião, Orlando presenciou um fato que, segundo ele, mostra esse compromisso do índio com a verdade: um índio adulto fazia cuidadosamente uma série de panelinhas de barro, procurava dar a elas a forma de pássaro e as entregava ao filho pequeno, que quebrava uma por uma. Vendo a cena, o sertanista sugeriu ao pai que fizesse objetos de qualquer jeito, já que iam ser quebradas, e ouviu a resposta: "O menino quer quebrar panelinhas e não pode ser contrariado. Mas elas têm de ser bem feitas, senão não são panelinhas".

Maureen não sentiu dificuldades no relacionamento com os índios, acreditando que o fato de ter sido apresentada a eles pelos Villas-Boas facilitou muito as coisas. Quando sentiu que já tinha um bom material fotográfico nas mãos, Maureen conversou com os Villas-Boas sobre o texto, e juntos eles chegaram à conclusão de que ele deveria surgir a partir de uma conversa. A troca de idéias entre os três resultou em 16 horas de gravação.

— O texto é quase descritivo do dia a dia de uma aldeia. É um texto muito simples, onde não fazemos suposições e não pretendemos dar explicações. Essa não é nossa função. Não somos o antropólogo que formula um modelo e depois enquadrá-lo que vê sob a ótica que lhe interessa. Mesmo o antropólogo não tem o direito de fazer deduções sobre um povo a que não pertence, cuja ética, moral e maneira de ver o mundo é diferente. Nós queremos apenas que um texto sirva de roteiro para pesquisa dos estudiosos.

Nestas imagens, força e dignidade.

Conseguir que um trabalho fotográfico seja editado num circuito internacional é uma tarefa difícil, de vários anos de trabalho, mas há longo tempo que Maureen Bisiliat está preparando esta sua seleção de fotos sobre o Xingu.

A primeira versão de "Xingu/Território Tribal", que será lançada amanhã, às 19h30 na loja "O Bode" (rua Bela Cintra, 2.011), em sua edição brasileira, foi um portfólio com poucas fotos, mas de muita dignidade e muita forma nas imagens, editado pela própria Maureen, em São Paulo (o título era apenas "Xingu"), através de Regastein Rocha e com projeto gráfico de Antonio Marcos Silva.

As fotos desse primeiro álbum, de edição pequena é já esgotada, também foram incluídas neste novo livro, onde não existe uma definição de um ritmo de leitura, mas as imagens que se sucedem de página a página revelam detalhes do corpo, gestos, retratos, rostos e poucas interferências que mostram arquitetura ou comportamento grupal.

São surpreendentes e valiosas as imagens que

mostram a pintura corporal, os adereços de arte e acessórios plumários e existem fotos como retratos que respeitam a individualidade do fotografado de maneira particular.

Já na pequena edição do portfólio, Maureen submeteu o seu trabalho à aprovação dos irmãos Villas-Boas, Cláudio e Orlando que agora, mais uma vez fazem o texto que acompanha as fotografias.

"O índio é um ser harmonioso. Conhece e sabe utilizar todos os recursos existentes no meio em que vive, para sobreviver e realizar-se plenamente", relembram os Villas Boas. Maureen, no seu livro, não se preocupa com uma forma didática de abordagem do Xingu, não revela a intenção de partir de um macrocosmos até chegar ao indivíduo. E ela apenas se detém com o olho e a câmara nessa criatividade indígena.

Aliás, esse interesse nos homens e em sua maneira de criar, não se limitou, em Maureen, às figuras dos índios, seu tema de interesse de alguns anos. Há muito tempo ela fixou, no Nordeste, as mulheres do mangue, as caranguejeiras. Eram figu-

ras cobertas de lama, carrentes, e que adquiriam muita força como imagens, a partir desse drástico despojamento de condições de vida. Depois ela partiu para outra difícil tarefa — o uso de Guimarães Rosa como roteiro para recriar o universo ancestral do grande sertão e das veredas que começam em Minas Gerais.

Um dos seus planos não realizados foi trabalhar com as figuras sulistas, os gaúchos e pampeiros de Érico Veríssimo, com quem chegou a conversar algumas vezes sobre esse projeto. Em contrapartida fez um registro rápido das figuras dos guerreiros do Bumbameu-Boi do Maranhão, onde ela também já dominava com muita segurança o uso da cor.

O projeto gráfico inicial deste novo livro é também de Antonio Marcos Silva, realizado pela Collins apenas com as mudanças necessárias a uma tiragem editorial em larga escala. E nesse aspecto, este novo livro de Maureen editado pela Cultura, terá um caráter de informação internacional sobre a cultura do Xingu que nenhum outro livro ainda pôde dar. Isto

porque a Collins nunca edita uma edição sem uma venda prévia de aproximadamente vinte mil exemplares, método aliás utilizado por grandes editoras internacionais.

"Xingu: Território Tribal", em português, terá cinco mil exemplares e vai custar Cr\$ 2.800,00. A edição total tem 30 mil exemplares e o livro já foi lançado, além da Collins, pela Mondadori, na Itália, pelas Editions du Chêne, na França, e também na Alemanha e na Escandinávia. E foi com muito respeito que o livro foi recebido no circuito internacional. Maureen mereceu reportagem de capa da revista "Observer" e a "Photo" francesa também lhe dedicou um bom espaço para suas fotos.

Numa das Bienais de São Paulo, ela já realizou a montagem de uma sala dedicada ao Xingu, incluindo até a construção de uma oca e objetos de uso e ritual. E apesar de um constante jogo de sombra e luz que persiste em certa dramaticidade, este é um documento visual importante sobre o índio do Xingu.

Xavier de Mendonça